

LEANDRO DE LAJONQUIÈRE

FIGURAS DO INFANTIL

A PSICANÁLISE NA VIDA COTIDIANA
COM AS CRIANÇAS

FIGURAS DO INFANTIL

LEANDRO DE LAJONQUIÈRE



“A insistência atual na bondade democrática e no amor dos adultos, propulsora de um sem-número de direitos d'A-Criança, longe de indicar o reconhecimento da necessária *implicação* adulta na vida na *polis* com estes seres pequenos que chegam ao mundo depois de nós, creio que indica, ao contrário, nossa *recusa* em manter aberto o interrogante que ela sempre instala: Como chegar a estar seguro de algo e falar disso a uma criança?”

Trecho desta obra

www.vozes.com.br

 EDITORA
VOZES

Uma vida pelo bom livro

vendas@vozes.com.br

ISBN 978-85-326-4039-0



9 788532 640390

 EDITORA
VOZES

O pai é o que não está, o que não pode responder ao grito elementar, o que só pode ser encontrado pelas palavras que o evocam (JITRIK, 2006).

Noé Jitrik

Apresentação – Em defesa das crianças “tontas”, 9
Dra. Maria Cristina Machado Kupfer

Introdução, 17

- I A psicanálise na educação, 29
 - 1 Não cessa de não se inscrever, 31
 - 2 Psicanálise aplicada?, 38
 - 3 Freud e a educação além da profilaxia, 47
 - 4 A educação para a realidade do desejo, 52
 - 5 A palavra educativa entre o *laissez-faire* e a frustração, 62
 - 6 A vida com as crianças fora de ponto, 68
- II A educação e a reprodução d’isso que nos faz humanos, 73
 - 1 As disjuntivas e versões da pedagogia, 75
 - 2 A subversão da psicanálise, 85
 - 3 Fazer-se menino(a), 96
- III Do que não deve ser feito ao que pode acontecer numa educação, 119
 - 1 A orfandade natural e seus fantasmas pedagógicos, 121
 - 2 Uma educação cobra seu preço, 145
 - 3 Por que os selvagens não falam?, 153
 - 4 A mestria da palavra e uma menina cega e surda, 165
 - 5 Sobre crianças e “necessidades educativas especiais”, 177
- IV Sobre uma degradação geral da vida com as crianças, 193
 - 1 Velhas crianças, novos infanticídios, 195
 - 2 A Infância é um dos nomes de nossa estrangeirice, 201
 - 3 Estranhas crianças estranhas, 213
 - 4 O sonho de modernidade, a infância e a escola, 221
 - 5 A infância e a escrita da nação, 230
 - 6 Infância, laço social e dívida simbólica, 243

Bibliografia, 265

Apresentação

Em defesa das crianças “tontas”

Dra. Maria Cristina Machado Kupfer

Professora titular do
Instituto de Psicologia da USP

As crianças não conhecem essa forma de quebrar grilhões, chamada de suicídio.

Victor Hugo fez essa observação em um romance escrito em 1869¹. Mas, já na segunda metade do século XX, nenhum escritor teria podido afirmar a mesma coisa: as crianças contemporâneas conhecem o suicídio e dele fazem uso até de forma frequente.

As crianças de hoje não são as mesmas de ontem? Victor Hugo poderia vir em defesa da tese, bastante divulgada em nossos dias, de que a infância está desaparecendo?

Em seu já conhecido livro *O desaparecimento da infância*, Neil Postman escreve que a infância não é um período de desenvolvimento, como querem os psicólogos do desenvolvimento. Ela seria uma criação político-social necessária, que surgiu depois da invenção da imprensa e dividiu o mundo entre crianças iletradas e adultos leitores. Mas, segundo Postman, com o surgimento da televisão, desapareceu a hierarquia da informação, o que fez desaparecerem também as diferenças entre adultos e crianças, uma vez que as imagens veiculadas na televisão e na sociedade do

¹ No original: “Mais les enfants ne connaissent point ce bris de prison qu’ on nomme le “suicide”. *L’homme qui rit*. Paris: Le Livre de Poche/ Librairie Générale française, 2002, p. 122.

espetáculo estão ao alcance de todos, seja qual for a idade do espectador.

A clínica psicanalítica praticada hoje com as crianças também poderia levar – aparentemente – na direção de confirmar esse desaparecimento da infância. As crianças ali tratadas, ao exibirem, em torno de oito anos de idade, uma nova forma de depressão, bastante diferente daquelas que encontramos em crianças muito pequenas, parecem estar antecipando o tempo da adolescência e encurtando o tempo da infância. Essa “queima de etapas” seria um dos indícios de que a infância, diminuída, estaria caminhando velozmente na direção de seu desaparecimento.

De fato, as crianças que se matam manifestam uma posição depressiva que se encontrava, tempos atrás, apenas no adolescente e no adulto, e não nas crianças, como observou Victor Hugo. Na adolescência, a depressão podia ser esperada e era até mesmo “bem-vinda”: a desqualificação dos pais e a depressão que ela causa aos adolescentes os empurravam na direção de seus pares e do amor. Mas, em nossa Pós-modernidade, a crença baseada na ilusão da onipotência dos pais cai cedo demais. Algumas crianças, já aos oito anos, exibem então um tipo de depressão adolescente, sem poder, por outro lado, apelar, como fazem os adolescentes, a pares e parceiros.

Para Freud, a infância é deixada para trás quando uma criança se torna capaz de extrair consequências de sua posição sexual. Ou seja, quando pode fazer alguma coisa com sua sexualidade, e dela extrair um “produto”. Assim, se uma criança pula a fronteira que a separa da adolescência cedo demais, não tem munição para responder ao que se espera dela no mundo adulto; não tem ovos para fazer uma omelete. Não pode tampouco dar meia-volta e retornar ao mundo infantil, porque já sabe que ele não existe mais. Por isso, extrai-se da vida.

As fronteiras que separam as crianças dos adultos podem ser sem dúvida políticas e históricas. Aos cinco anos, um príncipe foi emancipado e se tornou imperador da China, mas, para a psicanálise, a fronteira que cumpre considerar é libidinal, ou pulsional: uma criança distingue-se de um adulto quando modifica estruturalmente sua relação com a sexualidade. E fazê-lo cedo demais, fora das possibilidades de adotar essa nova posição, é perturbador para as crianças.

Não é fora de propósito o caso de uma menina de dez anos que pediu aos pais para *não* deixá-la ver a novela das oito: não suportava “ainda”, ela disse, ver tantos beijos! Esse episódio da menina que não queria ver a novela “conversa” bem com o livro de Postman: é de uma posição de sujeito do desejo que uma criança vê (ou não vê) televisão!

Assim, o exame mais detido da depressão que se encontra hoje na clínica psicanalítica com crianças não advoga em favor do desaparecimento da infância; apenas mostra, nessa infância, uma perturbação. Nossa Pós-modernidade está apressando as coisas, e isso combina muito com seu modo de ser e ver: *time is money!*

Leandro de Lajonquière tampouco assina a tese do desaparecimento da infância. E vai mais à frente ao mostrar que a infância está bem viva, mas perturbada, por assim dizer, pelo surgimento de uma nova fantasia moderna: *A-Criança*, uma fantasia singular que “paira acima de toda divisão societária”. *A-Criança* é uma construção que também paira acima de toda divisão da criança em fases de desenvolvimento, aquelas que estiveram organizando até hoje, de uma perspectiva evolutivista, a passagem da infância à vida adulta. Para ele, *A-Criança* supera essa divisão em “fases” apenas para pôr em seu lugar uma nova crença: a infância não apenas não desapareceu como está hipertrofiada.

“A-Criança é esse ser natural, dotado de direitos e necessidades educativas mais ou menos especiais, porém sempre clamantes de satisfação”, escreve Leandro. É um ser imutável, fora dos tempos. Ameaça as crianças de carne e osso.

A-Criança levou consigo a ideia de infância, pensada como uma idade natural da vida. É finalmente uma alucinação, criada talvez, de acordo com Leandro, para nos distrair da dívida de educação que deveríamos assumir com as crianças reais.

A noção cunhada por Leandro é uma crítica contundente à crença contemporânea segundo a qual haveria uma criança natural fora dos tempos. É, portanto, mais uma subversão e uma crítica à ideia de desenvolvimento, cara também à perspectiva sociológica de Rabello de Castro (cf. CASTRO, 1999), para quem a psicologia do desenvolvimento está atrelada em sua origem a um suposto conhecimento objetivo e neutro. É, de fato, uma naturalização da infância, produzida a partir de condições políticas e sociais.

A-Criança tem efeitos tanto no campo educativo como na clínica psicanalítica com crianças. Ela é trazida pelos pais em seu discurso, junto com a criança de carne e osso, que vem por eles arrastada, mas desaparece, agora sim, sob o peso de A-Criança, essa figura imponente que a Pós-modernidade criou. Mais uma vez, os homens insistem em moldar do barro seus Golens, criaturas feitas para serem imunes à passagem do tempo e à morte.

Esse termo não foi cunhado *ex nihilo*. Ele é o fruto de vinte anos de circulação do autor pelo campo das articulações entre psicanálise e educação. Nesse tempo todo, a preocupação de Leandro de Lajonquière se centrava na psicopedagogia hegemônica, que dominou e domina o campo educativo, transformando os Zezinhos e as Mariazinhas em crianças sem direito a serem “tontos”, palavra que tanto em espanhol como em português traduz bem essa liberdade

perdida de não precisar se moldar ao ideal de criança inteligente, esperta e competitiva que o mundo de hoje exige que elas sejam.

Esse passeio pelo campo das articulações entre psicanálise e educação tem neste livro vida própria. Isto é, não está colocado apenas para fundamentar a criação golemiana d’A-Criança.

Primeiramente, Leandro recoloca o velho problema da pertinência de aproximar a psicanálise da educação. Essa aproximação, para ele, é mais do que óbvia, em que pesem as admoestações – justas, aliás – de autores como Catherine Millot. Se, para Millot, deve-se recusar uma pedagogia psicanalítica, isto não significa que “Freud deva ser ignorado quando se fala de educação” (p. 37).

Em segundo lugar, falar da psicanálise no campo da educação não implica a defesa de uma *aplicação* de um campo sobre o outro. Ao contrário, penso, em consonância com o pensamento de Leandro, não haver nenhum interesse em proceder a uma colonização da psicanálise sobre a educação. A psicanálise não ilumina, não fala ou pensa *sobre* a educação, nem se coloca em posição de exterioridade. Bem ao contrário.

Em contraposição à ideia de aplicação, Leandro propõe uma conexão na qual o psicanalítico é colocado no âmago do educativo, em seu nó, em seu caroço. Dessa perspectiva, não se trata de ler o subjacente à criança, no sentido de buscar nela os determinantes inconscientes de seus comportamentos e buscar interpretá-los em um contexto que não se presta a essa análise. Trata-se de supor o sujeito do inconsciente da psicanálise e o “sujeito cognoscente” da Psicologia como um só, e de ampliar o ato educativo de modo a incluir a dimensão libidinal inerente ao desejo de quem aprende, e que lhe é indissociável. Dessa perspectiva, o ato educativo se torna um só, e inclui, leva em conta, *ao mesmo tempo*, as três

dimensões de uma criança: o imaginário do conhecimento que precisa totalizar o mundo e dar-lhe sentido; o simbólico sem o qual não faz laço com os outros; e o real que não cessa de escapar ao sentido construído laboriosamente pelo imaginário da cultura e da educação. Por isso, à pergunta formulada por Leandro – a educação seria um objeto fora da cura? – pode-se responder: não. A educação faz parte da cura, como o próprio Leandro parece responder.

Procedendo à revisão do campo das articulações da psicanálise com a educação, o livro desmonta teses que, embora contemporâneas, já ficaram velhas: uma delas é a de que vivemos em um mundo em declínio, que coloca em perigo a humanidade e a torna presa fácil do gozo desregrado. “Não estamos nem melhor, nem pior. Apenas continuamos a nos perguntar: como fazer para vivermos todos juntos sem nos matar uns aos outros?”, escreve Leandro.

Ou seja, nada de visões apocalípticas. O mundo, de uma certa perspectiva, continua o mesmo, ainda que tenhamos construído novas e espetaculares tecnologias, ainda que tenhamos conhecido a cura maravilhosa de doenças. Para continuar sendo o mesmo, basta que apostemos “em gente comum disposta a falar com as crianças e convicta de que a educação está atrelada às mesmissimas condições de possibilidade para vivermos juntos neste nosso único mundo sem nos comer uns aos outros” (p. 123-124).

Pode-se dizer então, a partir do que escreveu Leandro: é graças à gente comum, disposta a falar com as crianças, que o desejo foi sustentado e ouvido na educação parental e escolar *desde sempre*, em que pesem os esforços do discurso psicopedagógico hegemônico para dissolvê-lo e excluí-lo. Os teóricos, ainda bem, não conseguem atingir os corpos e mentes a ponto de eliminar o desejo presente nas relações educativas. A educação, dessa perspectiva, não é impossível; impossíveis são nossas pálidas teorias sobre ela,

que não atingem nunca o que não cessa de não se escrever. Impossível é ter que ser pedagogo antipedagogo!

Leandro termina seu livro alertando para o fato de que estamos transmitindo às crianças de hoje um mito morto, *A-Criança*, incapaz de indicar caminhos. Um mito morto é letra morta e, portanto, não abre caminhos.

Mas o livro de Leandro, que é letra viva, abre caminhos. A lucidez com que denuncia os preconceitos e os vícios de pensamento do educador moderno destrói justamente os obstáculos no caminho da instalação do ato educativo. Nem muito novo nem muito velho, esse ato, Leandro diz, é apenas aquele que abre espaço para a “produção psíquica de um tempo de infância” e, portanto, para a renovação permanente da diferença, da criação e do sonho no nosso mundo cotidiano. Com isso, as crianças “tontas”, que não passam de sonhadoras, poderão reconquistar talvez seu lugar no mundo.